
EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: caminhos que se cruzam, entre si e com as tecnologias

Nelson De Luca Preto^()*

Em 2029, o grupo de trabalho Educação e Comunicação (GT-16) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (Anped) estará perto do seus quarenta anos de idade. Nesse ano, segundo o pesquisador Ray Kurzweil, especialista em Inteligência Artificial e criador das empresas Kurzweil Technologies, os computadores estarão muito próximos do comportamento dos seres humanos, com um “supercérebro”, com o “nível humano de inteligência”. Para ele, “quando os computadores aprendem a fazer alguma coisa, conseguem fazê-la muito bem, na verdade melhor que os humanos”. (NOGUEIRA, 2012).

Muitos de nós estarão sendo testemunhas oculares deste fato. Ou não!

Pensar esse futuro, demanda olhar o presente e, mais do que tudo, o passado.

São velozes e estrondosas as transformações que vivenciamos ao longo dos últimos anos. Hoje, uma única geração é capaz de ver nascer e morrer uma tecnologia, e a televisão, nascida no meio do século passado, é um dos melhores e mais contundentes exemplos. Não se faz e nem mesmo se vê televisão da mesma forma que víamos – sim, estamos falando de nós mesmos! – quando da nossa juventude.

Bill Evans, engenheiro da empresa Cisco, realizou um exercício de futurologia baseado em diversas fontes e nele destacou que o que conhecemos hoje é apenas 5% do que conheceremos em 2030, quando um disco rígido comprado por U\$100 armazenará 11 petabytes, equivalente a mais de 600 anos de vídeo em qualidade dvd tocando 24 horas por dia; até 2015 se terá criado uma quantidade de informação equivalente a 92,5 milhões de bibliotecas do Congresso Americano e, na metade de 2020, já estará disponível o primeiro computador quântico (EVANS, 2009).

O desenvolvimento científico e tecnológico é estrondoso e traz reflexos fundamentais para todos os sistemas sociais, a exemplo dos sistemas de comunicação e, particularmente, de educação.

A circulação de informações se dá de forma quase alucinada, da mesma maneira que a própria informação transforma-se em pequenas partículas, efêmeras, que circulam em pedaços velozmente. A memória deixa o corpo e passa a ocupar os objetos. Os objetos passam a ser

^(*) Faculdade de Educação/Universidade Federal da Bahia. Site: <www.pretto.info>.

introduzidos nos corpos, tornando corpos e máquinas, cada vez mais, indistinguíveis (COUTO, 2000; COUTO; GOELLNER, 2012).

Instaura-se a cibercultura com as inúmeras possibilidades de navegação no “novo” ciberespaço, no qual, como afirma Lucia Santaella (2007),

não há separação entre mente e corpo, [...]. Ao contrário, embora o corpo pareça imóvel, enquanto a mente viaja, os sentidos internos do corpo estão em tal nível de atividade, que o corpo, que dá suporte às inferências mentais de quem navega, é um corpo sensorialmente febril, internamente agitado. (p. 14).

O digital, assim, faz a convergência e ressignificação das mídias e das linguagens, desafiando o uso de uma mídia isoladamente. Este, certamente, tem sido o maior desafio posto ao GT-16. E justo por isso, importante o resgate da memória e do percorrido no tempo e no espaço para que, no coletivo do campo que relaciona a educação com a cultura, com a comunicação e com as tecnologias, seja possível pensar o hoje e o amanhã.

Resgatar a memória, portanto, demanda esforço pessoal e apropriação das mais diversificadas tecnologias disponíveis. Como afirma, Rosa Fischer no seu texto nesta edição, “operar com lembranças e memórias significa empenho, dedicação, esforço de compreensão, não apenas do passado, mas principalmente do presente”.

Esse esforço e essa dedicação foi executado por quatro pesquisadores de diferentes universidades brasileiras para percorrer os “rastros de um passado não tão remoto” (FISCHER, 2011) com o objetivo de compreender o que se passou – e o que se passará – com um grupo de trabalho criado dentro de uma sociedade científica. Refiro-me ao GT-16 da Anped. A história desses quatro pesquisadores se imbrica com a história do GT, não significando que esta história esteja a eles resumida. São muitos os outros professores, pesquisadores e estudantes, de diferentes instituições que anualmente se encontram no GT para partilhar os resultados de suas pesquisas e, com isso, construir a nossa história.

Rosa Maria Bueno Fischer é professora Programa de Pós-Graduação em Educação/ Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua experiência no campo de intersecção da televisão com a educação nos leva aos anos 80 do século passado, quando, em conjunto com Maria Helena Kühner, Dermeval Netto e, depois uma das pioneiras neste campo, Silvia Magaldi, atuou na Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (Funtevê) coordenando e criando programas infantis, para a juventude e para a formação de professores, para o Sistema Público de Televisão Educativa (Sinred), que congregava, não sem muitos ruídos e crises, as televisões educativas brasileiras. Neste período Rosa Fischer concluía o seu mestrado com uma

dissertação que se transformou numa referência para o campo, adaptada para o livro *O Mito da Sala de Jantar* (FISCHER, 1993). O livro inicia com uma pergunta que seguramente acompanhou e acompanha cada um de nós de forma permanente, desde aquela época até os dias de hoje, com a fala de um dos jovens entrevistados: “Que eu gostaria de ver na TV? Eu. A gente mesmo”. Rosa Fischer escreve, neste dossiê, uma análise sobre os trabalhos que foram apresentados nos últimos vinte anos sobre as mídias audiovisuais e educação.

As pesquisas apresentadas no GT-16 da Anped que investigaram a mídia impressa e sua relação com a educação foram analisadas por Guaracira Gouvêa, licenciada (1972 – USP) e bacharel (1976 – UFRJ) em física e hoje professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Desde os primeiros anos como professora no ensino básico, Guaracira atuava na formação científica da juventude, com forte inserção nos projetos que, à época – estamos falando também dos anos 1970/80 do século passado – criaram e deram enorme dinamicidade aos chamados Centros de Ciências. Ela esteve entre 1984 e 1992 atuando junto ao Centro de Ciências do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj), lamentavelmente uma política que não teve continuidade em diversos estados. Em 1986 participou de um importante projeto junto à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), projeto este bem sucedido e que até hoje está presente nas casas das crianças e nas escolas do Brasil, que foi a criação da revista *Ciência Hoje das Crianças* e dos cadernos *Dicas para Professores*.

Maria Helena Silveira Bonilla é professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora de Ciências com habilitação em Matemática, formada pela Unijui, onde deu início à sua carreira acadêmica. Já na UFBA fez o seu doutoramento e ingressou como professora, atuando no estudo e investigações que relacionam a educação com a cibercultura, em especial com as questões ligadas à chamada inclusão digital. Participou do grupo de trabalho que fez as propostas no campo da educação para o Projeto Sociedade da Informação do Brasil, nos anos 1990. Bonilla integra o GT-16 desde os anos 1990 e foi convidada a analisar a produção no campo da cultura digital. Maria Helena Bonilla tem estudado, desde o seu mestrado, as questões ligadas à informática, à internet e suas relações com a educação, mais particularmente com a escola. Tanto no mestrado, cuja dissertação foi *A internet vai à escola!*, como no doutorado, com a sua *Escola Aprendente*, são trazidos por ela os desafios, e principalmente as possibilidades dos usos das TIC no contexto da sociedade do conhecimento, ao possibilitar a construção do conhecimento em função das múltiplas interações, extrapolando as dicotomias ensinar/aprender, professor/aluno, certo/errado (BONILLA, 2002).

O professor Marco Silva atualmente coordena o Laboratório de Educação On-line da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Seu trabalho de doutorado junto à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), com o título *Comunicação interativa e educação*, transformou-se no livro *Sala de Aula Interativa*, e também num site¹, socializando o que ele denominou de *Pedagogia Parangolé*, numa importante referência aos trabalhos pós-modernistas² de Hélio Oiticica na década de 1960 do século passado. Marco Silva tem se dedicado às investigações sobre a educação on-line, e, aqui, resgatou e analisou as pesquisas apresentadas no GT-16 que abordaram a Educação a Distância (EaD) e a Educação On-line (EOL) na década de 2000. Importante salientar sua reflexão teórica contra os modelos comunicacionais massivos e a necessidade de se compreender a interatividade como importante “salto qualitativo” resultante da “convergência e imbricação” das esferas informacional, tecnológica, mercadológica e social, como desenvolvido no seu já citado *Sala de Aula Interativa* (2000, p. 34). Por conta disso a sua crítica aos processos educacionais a distância centrados na distribuição de informações em detrimento aos processos interativos de construção de conhecimentos. Para ele, a sala de aula (“interativa”) passa a ser, então, “um espaço coletivo onde o professor cuida da socialização encarnada e não pré-fabricada, disponibilizando e provocando a comunicação entendida como participação-intervenção, bidirecionalidade-hibridação e na permutabilidade-potencialidade”. (SILVA, 2000, p. 176).

Esse conjunto de colegas professores-pesquisadores está, junto comigo, aqui e no texto que escrevi para a reunião de 2007 (*Educação, Comunicação e a Anped: movimento*), resgatando e analisando a história do GT-16 da Anped na perspectiva de, olhando para o passado, podermos pensar o futuro da pesquisa no campo da educação com as tecnologias digitais de informação e comunicação.

Parece-me importante trazer, também, o esforço realizado por dois órgãos do governo Federal na tentativa de relacionar, através de políticas públicas, os campos da comunicação com a educação. Refiro-me ao Inep, que na década de 1980 buscou elaborar uma política pública de intervenção mais direta, com uma aproximação com a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (Funtevê), também ela à época parte da estrutura do MEC, mas, como parece que até hoje sucede, com pouco diálogo entre os seus próprios órgãos. Era a Funtevê a responsável pela coordenação do sistema de televisões educativas do país, história que, como eu mesmo já prometi

¹ Disponível em: <www.saladeaulainterativa.pro.br>. Acesso em: fev. 2012.

² Ver: Mário Pedrosa, no artigo “Arte ambiental, arte pós-moderna, Hélio Oiticica”. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26/06/1966.

(PRETTO, 2007), merece ser mais detalhadamente contada, mas, mais uma vez, não terei aqui espaço para tal. Inep e Funtevê estabeleceram uma aproximação e, com isso, foi possível organizar conjuntamente o *I Encontro Brasileiro de Televisão e Educação*, em 1987, reunindo profissionais da televisão, da cultura, da engenharia e da educação, em saudáveis e produtivos debates. Já adiantando aspectos importantes relativo à memória da televisão e da educação brasileira, hoje a TV Brasil – que assumiu a antiga Funtevê e percorreu inúmeros caminhos de vinculação institucional até os dias de hoje – trabalha no resgate da sua memória com um centro de pesquisa e referência, coordenado pela jornalista Lacy Barca e que, segundo depoimento colhido para este texto, não tem nenhum indício da existência das fitas com o registro deste precioso material.

É importante, mais uma vez, já que mencionamos o histórico trabalho de Rosa Fischer (1993) no início deste texto, registrar a dificuldade que, seguramente, ainda está presente nos dias de hoje, da relação entre os profissionais da comunicação com os da educação, que, na época, tinham seus escritórios na Superintendência de Educação da Funtevê, no Rio de Janeiro, no “outro lado” da Rua Gomes Freire. Como já referi (PRETTO, 2007) “esse ‘outro lado’ nada mais é do que uma simbólica e contundente divisão entre a televisão (a comunicação), que ocupava o prédio ao lado direito da rua Gomes Freire, onde estavam localizados os estúdios, transmissores e tudo mais da televisão, e a educação, que ficava do lado esquerdo da rua, bem em frente, fazendo com que a ‘conversa’ entre esses dois campos se transformasse em um diálogo um tanto quanto difícil” (p. 5). Resgatar e analisar esta história é o esforço do GT-16 e deste número da *Revista Teias*. Isso será feito, mas, não sem antes voltarmos um pouco no tempo.

TUDO COMEÇOU...

A história do GT-16 já foi analisada por diversos colegas a partir de trabalhos encomendados e outros que foram produzidos como parte das pesquisas de pesquisadores brasileiros. Faço aqui apenas uma referência aos mesmos.

Raquel Goulart Barreto – com Gláucia Guimarães (2006) –, pesquisadora presente no GT-16 desde o início, coordenando uma equipe da Uerj e UFRJ publicou “As tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores”, fruto de coleta de 331 documentos (242 dissertações, 47 teses e 42 artigos) produzidos entre os anos de 1996 e 2002, fazendo uma análise com múltiplas dimensões da questão. Mirza Toschi (2001), da Universidade Federal de Goiás, apresentou a primeira reflexão sobre os primeiros dez anos do GT-16, trabalho esse apresentado na *24ª Reunião Anual em 2001*. No ano seguinte foi Heloisa Dupas Penteado, que coordenou a implantação do GT, juntamente comigo e Mariazinha Fusari – numa história que merece sempre ser revivida –, quem

apresentou na 25ª Reunião Anual o texto encomendado “A história do GT Educação e Comunicação – Grupo de trabalho Educação e Comunicação, 11anos de GT-16” (PENTEADO, 2005). Por último, apresentei na reunião anual de 2007 a minha visão do percurso do GT-16 com o trabalho encomendado “Educação, Comunicação e a Anped: movimento”.

Esses trabalhos encomendados especificamente pelo e para o GT terminaram se servindo dos trabalhos de pesquisa de Alceu Ferraro (“A Anped, a pós-graduação, a pesquisa e a veiculação da produção intelectual na área da educação”, de 2005) e de Rosane Nevado e Léa Fagundes, da UFRGS, que elaboraram um “Um recorte no estado da arte: o que está sendo produzido? o que está faltando segundo nosso subparadigma?” (NEVADO; FAGUNDES, 2001).

Todos esses textos identificaram claramente que nosso grupo refletia, *ipsi literis*, o que acontecia em termos de pesquisa na relação da educação com a comunicação, associada de forma muito intensa aos denominados Meios de Comunicação de Massa. Complementarmente, e de forma subliminar, todos os percalços para as pesquisas nesse campo, também nos indicava a dificuldade que a educação tem de se relacionar de forma mais intensa e articulada com a comunicação, como já afirmaram Marília Franco (1988) e Margarida Maria Krohling Kunsch (1986), entre outros.

Desde o primeiro encontro do novo GT, na apresentação dos trabalhos procuramos tensionar a temática e as discussões e, para tal, convidamos Brasilina Passareli, da Escola do Futuro, à época parte da ECA/USP, para debater o tema *Hipermídia e educação: algumas pesquisas e experiências*. Neste mesmo ano, o outro trabalho encomendado foi *Formação do telespectador: uma experiência de Educação para a mídia*, de Maria Luiza Belloni, na época no Departamento de Sociologia da UnB. Como já disse em 2007, “antevemos, com esses dois trabalhos, o movimento do grupo na busca de sua identidade, ou, quem sabe, de suas identidades”. (PRETTO, 2007, p. 17).

Isso tudo acontecia, a bem da verdade, porque a temática era estranha à Anped e, para a concretização de um novo grupo que pudesse abrigar essas discussões, necessário se fazia angariar apoio de colegas que, na prática, não pesquisavam o tema, mas compreendiam a importância do mesmo. Desta forma, com uma listinha na mão, saímos pelos corredores das Faculdades de Educação, em 1989, da UFMG e, no ano seguinte, da USP, para conseguirmos um número mínimo de assinaturas propondo a criação do novo GT. Chegamos a cerca de 15 pesquisadores e estudantes de pós-graduação que, durante a 13ª Reunião Anual em Belo Horizonte, ocorrida entre 15 e 19 de outubro de 1990, foram os signatários da proposta inicial. (ANPED, 1990, p. 84).

Tudo isso acontecia porque sabíamos que a temática, apesar de longe da Anped, não estava longe da educação. Diversas outras áreas e profissionais buscavam compreender melhor a relação

da educação com a chamada mídia de massa, a computação e as tecnologias de uma forma geral. Podemos destacar os movimentos da Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT), que considero a pioneira nesse campo, instituída em julho de 1971; a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), criada em 1977, tendo um Núcleo para tratar da *Comunicação Educativa*, implantado no ano 2000; a União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), fundada em 1969 para articular pesquisadores no campo da comunicação e mídia, enfatizando também o campo da educação para a comunicação; a Sociedade Brasileira de Computação (SBC), fundada em julho de 1978, e desde o seu início preocupada com a relação com a educação, inclusive realizando, desde a década de 90 do século passado, os Simpósios Brasileiro de Informática na Educação (o 1º SBIE, no Rio de Janeiro, aconteceu em 1990); por último e não menos importante, especialmente para a discussão trazido pelo artigo de Marco Silva neste número, foi a criação da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), em junho de 1995, levando para lá muitos dos pesquisadores de EaD que, assim, não participavam dos debates mais amplos sobre educação promovidos pela Anped.

AS PESQUISAS APONTAM

Ao longo dos vinte anos do GT Educação e Comunicação da Anped tivemos, seguramente, um olhar que seguiu as quatro grande frentes que estão analisadas nos quatro artigos encomendados e que compõem este dossiê. Esta divisão foi proposta para fortalecer a perspectiva teórica de cada um dos colegas que se dedicou a estudar o nosso percurso, mas que, em muito pouco tempo, cada vez mais se embrincarão, como vem acontecendo com todas as mídias e todos os suportes, em uma convergência de culturas e também de meios.

Steven Johnson (2010), em “De onde vêm as boas ideias”, busca compreender os desafios históricos para explicar como a vida foi se estruturando e como as ideias vão surgindo, ficando evidente que elas surgem de um trabalho de bricolagem de invenções – e digo, teorias – geniais e espetaculosas mas, também, talvez até principalmente, de “peças sobressalentes que por acaso se encontravam na garagem” (p. 28). O cientista Stuart Kauffman, segundo Johnson (2010), denominou essa situação onde as combinações de primeira ordem consideram todos os elementos possíveis, captando “tanto os limites quanto o potencial criativo de mudança e inovação” de “possível adjacente”. (JOHNSON, 2010, p. 28).

Vaticina Johnson: “O segredo para ter boas ideias [sic] não é ficar sentado em glorioso isolamento, tentando ter grandes pensamentos. O truque é juntar mais peças sobre a mesa” (p. 40).

Essas foram as peças juntadas na sala do GT-16 ao longo desses anos. Todas juntas, com diferentes enfoques, abordagens, concepções teóricas e mesmo temas que, aparentemente, estavam separados e distantes. À medida que as discussões avançavam, novas buscas e novas pistas foram aparecendo e se constituindo no novo, ou melhor, no *outro* corpus empírico e teórico que está aqui sendo construído.

O primeiro olhar foi o estudo das “imagens e das diferentes mídias, com todas as possibilidades teóricas e metodológicas nela implicadas”, onde Rosa Fischer analisa o percurso do GT-16 desde o primeiro trabalho, na perspectiva de “formação do telespectador” (1992) de Maria Luiza Belloni, até os anos mais recentes quando, por um lado, a presença do digital já se fazia mais forte e, por outro, crescia a demanda por um GT específico que aproximasse os pesquisadores do campo Educação e Arte. Para Fischer, o rastro deixado por essa caminhada possibilitou “observar que os estudos sobre imagem, comunicação e educação ganham uma densidade específica principalmente quando os pesquisadores do GT se debruçam sobre materiais do cinema e da fotografia [...]” e, “que o teórico e o empírico se cruzam harmoniosamente.”

A segunda frente deste olhar multifacetado tem seu foco nas mídias impressas e foi realizado por Guaracira Gouveia. Olhando para o mesmo período, ela identifica, como em todos os demais trabalhos, uma diversidade de olhares e, o que nos parece mais importante, a apropriação dos próprios pesquisadores brasileiros, dentre os quais, muitos presentes no próprio GT. Dos 259 trabalhos apresentados, Guaracira analisou 29, agrupando-os em dois grandes blocos: “Produção – Materialidade e Documento” e “Produção de Sentidos e Leitura”, trazendo sempre, conforme a autora, “as especificidades da linguagem de cada mídia em sua produção e a produção de sentidos por leitores em suas interações com as mídias”. Guaracira Gouvêa finaliza seu texto trazendo outro artigo de Rosa Fischer (2007), indicando que as pesquisas sobre as mídias, sejam elas novas ou velhas, precisam considerar que elas se constituem como um dispositivo pedagógico e que, sempre, “estaremos de alguma forma tratando de objetos, tecnologias e saberes históricos, imersos em relações de poder, produtores de subjetividades” (p. 294).

O terceiro texto, encomendado à Maria Helena Silveira Bonilla, buscou compreender a chegada e a presença da cultura digital no GT 16. O primeiro trabalho sobre esse tema surge em 1994 e, desde aquele momento, “sinaliza a emergência da área e a preocupação dos pesquisadores em tentar entendê-la, ao mesmo tempo que buscavam delimitar suas potencialidades para a educação”, uma vez que o mesmo tinha “como objetivo identificar, descrever e caracterizar as representações de estudantes de psicologia sobre a tecnologia, a informática e as possíveis utilizações que poderiam ter para a futura atuação profissional”. A primeira questão presente nesta

discussão foi, justamente, a compreensão sobre o que significava – e o que significa ainda – a expressão cultura digital. Para tal, a autora nos traz Rogério da Costa (2008) que amplia essa noção e nos leva a compreendê-la como uma formação mais ampla que a cibercultura, “uma vez que esta se incrementa em rede, dependente portanto de conectividade, de tecnologias on-line, e aquela se constitui também em ambientes *off-line*, a exemplo dos laboratórios de informática das escolas que não possuem conexão internet”.

O conjunto de pesquisas apresentadas no GT-16 indicam pistas para as políticas públicas que se ampliam no mundo contemporâneo, de um lado pela forte presença da indústria dos equipamentos que pressionam para que os mesmos adentrem nas escolas e, de outro, pelos próprios jovens e pesquisadores que percebem a importância das mesmas. Por isso, afirma Bonilla,

é fundamental que as instâncias formuladoras e executoras das políticas públicas para a área de educação e tecnologias comecem a dialogar com essa produção e com seus pesquisadores, de forma a superarmos os problemas, as fragilidades e os limites detectados nas atuais políticas, propondo outras, mais consistentes e significativas.

O último olhar, de Marco Silva, sobre a educação a distância (EaD) e a educação online (EOL) salienta a inexistência de distinção entre Educação a Distância e Educação On-line nos 34 trabalhos analisados, o que pode, fortemente, indicar a fraca associação das pesquisas sobre educação a distância com a chamada cultura digital.

Essa pouca intimidade da educação (não só a distância) com o universo do digital, pode ser constatada desde sempre na própria infraestrutura disponível e no uso das redes sociais durante as reuniões da Anped e não somente para e no GT-16 que trata especificamente da temática como objeto de pesquisa. Desde a reunião de 1994 em Caxambu/MG, propusemos à Anped a promoção de mostras de vídeos para que as discussões sobre a imagem em movimento não permanecessem apenas teóricas e no interior do próprio GT, mas as dificuldades operacionais para a concretização desta mostra foram enormes.

À medida que em todo o país foram aumentando as possibilidades de conexão internet com a presença cada vez mais forte das conexões móveis em 3G, ao mesmo tempo que se intensificavam os usos das redes sociais – que inclusive passaram a se constituir em objetos das pesquisas em nossos programas de pós-graduação e que, lentamente, foram chegando ao GT-16, como bem mostra o artigo de Bonilla –, constatamos uma enorme precariedade do ponto de vista da infraestrutura de conexão durante as reuniões anuais da Anped e, mais particularmente, nas atividades do GT-16. A situação terminou se constituindo emblemática na última reunião, acontecida em Porto de Galinhas/PE, quando para o GT 16 foi encomendado o trabalho de abertura

à Lucia Santaella que, justamente, discutiu a *Construções intersubjetivas nas redes sociais da internet* e, no entanto, na sala onde isso acontecia, não havia nenhum sinal de rede.

Trazer isso para este texto não representa apenas uma demanda dos integrantes deste grupo de trabalho de uma sociedade científica. Mais do que isso, essa é a imagem da infraestrutura que encontramos no sistema escolar brasileiro, mesmo com os esforços que vêm sendo feitos por diversos Ministérios. Dados de estudo conduzido pela Unesco com base em pesquisa realizada em 11 países em desenvolvimento, entre eles o Brasil, a Argentina e o Chile, apontou que metade dos alunos de escolas em pequenos povoados ou áreas rurais e mais de 25% dos alunos em cidades assistiam as aulas em prédios considerados em más condições. Os computadores, que cada vez mais adentram as salas de aula, segundo o referido estudo, estão sendo mais usados em trabalhos administrativos. (UNESCO, 2008).

O que vemos, portanto, é a existência de política tímidas se considerarmos o desafio que temos pela frente, e nesse particular destacamos a importância de um Plano Nacional de Banda Larga que dê conta do atendimento de qualidade para todo o sistema público de educação, a exemplo do bem sucedido esforço do Ministério da Ciência e Tecnologia na implantação da rede internet no Brasil nas décadas de 80 e 90 do século passado.

Os 20 anos do GT 16 apontam para um rico passado olhando para um promissor futuro. As transformações contemporâneas acontecem em velocidade alucinante e novas descobertas científicas trazem um momento de riqueza ímpar para a humanidade. Riqueza essa que esbarra, inclusive, na própria definição da nossa existência, como afirmam os pesquisadores do laboratório Europeu de Física de Partículas (CERN), a partir das últimas pesquisas que apontaram a existência do bosón de Higgs, conhecido como a partícula de Deus. “El bosón de Higgs no es una partícula cualquiera, es la última pieza que faltaba en la teoría contemporánea que describe como están hechas las cosas, todo lo que vemos en el universo”, afirmou Sheldon Lee Glasgow, prêmio Nobel de Física/1979, seguido do diretor do CERN, Rolf Heuer, que foi categórico: “... y juega un gran papel. Sin el Higgs *no existiríamos*” (EL PAÍS, destaque meu). E conclui:

Cuando estudiamos los componentes más pequeños de la materia, abordamos las mayores preguntas del universo, y el bosón de Higgs nos dirá como las partículas fundamentales de las que todos estamos hechos adquieren su masa y, por tanto, permiten la existencia de cosas complejos, como los seres humanos.

Foram essas pequenas peças, quem sabe “esquecidas nas garagens” (JOHNSON, 2011) que nos ajudaram a construir, também nós, na Anped, a nossa história, e, a partir dela e com ela, pensar

o futuro da educação com uma forte articulação com a comunicação, com intensa presença das tecnologias, das artes, das ciências e das culturas.^(*)

REFERÊNCIAS

- BARRETO, R. G.; GUIMARÃES, G. (Orgs.). As tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31, p. 31-42, 2006.
- BONILLA, M. H. S. *Escola Aprendente: desafios e possibilidades postos no contexto da sociedade do conhecimento*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2002.
- COUTO, E. *O homem-satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica*. [S.l.]: UNIJUI, 2000.
- _____; GOELLNER, S. V. *O triunfo do corpo: polemica contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2012
- EVANS, D. *Top 25 Technology Predictions*. [S.l.]: CISCO, 2009. Disponível em: <http://www.cisco.com/web/about/ac79/docs/Top_25_Predictions_121409rev.pdf>. Acesso em: 12 set. 2012.
- FERRARO, A.R. A Anped, a pós-graduação, a pesquisa e a veiculação da produção intelectual na área da educação, *Revista Brasileira de Educação*, p. 47-69, 2005 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782005000300005&nrm=iso>. Acesso em: 25 mai. 2007.
- FISCHER, R. B. O Mito na Sala de Jantar: o discurso infante-juvenil sobre a televisão. [S.l.]: Movimento, 1993.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 35, p. 290-299, 2007.
- FRANCO, M. *Escola Audiovisual*. São Paulo: Universidade de São Paulo; Escola de Comunicação e Artes, 1988.
- JOHNSON, S. *De onde vêm as boas ideias*. [S.l.]: Zahar, 2011.
- KUNSCH, M. (Org.). *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. São Paulo: Loyola, 1986.
- LOPONTE, L. G. Educação e arte na Anped: a conquista de um novo espaço. [S.l.: s.n.], 2007. Disponível em: <http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/luciana_loponte.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2012.
- NEVADO, R. A.; FAGUNDES, L. et al. Um recorte no estado da arte: o que está sendo produzido? O que está faltando segundo nosso subparadigma? In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO. Vitória, ES: [s.n.], 2001.
- NOGUEIRA, Sivano. O inventor norte-americano Ray Kurzweil, impulsor da inteligência artificial, afirma que, em breve, máquinas vão imitar de forma indistinguível o comportamento de uma pessoa. In: FOLHA DE SÃO PAULO, 01 out. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/69360-computadores-va-se-equiparar-a-mente-humana-no-ano-2029.shtml>>. Acesso em: 01 out. 12.
- PENTEADO, H. D. A história do GT Educação e Comunicação. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25. Grupo de Trabalho Educação e Comunicação, 11 anos de GT16. *Anais...* [S.l.: s.n.], 2005. p. 11 a 24
- PRETTO, N D L. Educação, Comunicação e a Anped: uma história em movimento. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30. [S.l.: s.n.], 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos_encomendados/trabalho%20encomendado%20gt16%20-%20nelson%20de%20pretto%20-%20int.pdf>.
- _____. Educação e Comunicação: cruzando caminhos?! REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 14. *Anais...* [S.l.: s.n.], 1991. Mimeo.
- _____. Educação, Comunicação e a Anped: movimento. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30. *Anais...* Caxambu: [s.n.], 2007.
- SILVA, M. *Sala de Aula Interativa*. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2000.
- TOSCHI, M. S. Grupo de Trabalho Educação e Comunicação – dez anos. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24. *Anais...* Caxambu, MG: Gráfica e Editora Vieira, 2001.

^(*)Agradecimentos especiais às colegas Edmea Santos e Maria Helena Silveira Bonilla pelas atentas leituras e sugestões feitas ao texto.

UNESCO. A view inside primary schools. Editado por Yanhong Zhang, T. Neville Postlethwaite e Aletta Grisay. Disponível em: <<https://www.google.com/url?q=http://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1128/a-view-inside-primary-schools-a-world-education-indicators-wei-cross-national-study/&sa=U&ei=PTKxUJOZLMm30AHaQICQCA&ved=0CAoQFjAB&client=internal-uds-cse&usg=AFQjCNELnynk8dQm1Cbd89sdYIiVyTwGGA>>. Acesso em: 12 nov. 2012.